



O *séjour* de D. Pedro I em Paris e a imprensa francesa: familiaridade e exotismo

The *séjour* of D. Pedro I in Paris and the French press: familiarity and exoticism

Isabel LUSTOSA*

Resumo: A imagem de d. Pedro I na imprensa francesa, durante o período em que viveu em Paris (de agosto de 1831 a janeiro de 1832), foi fundamental para o sucesso que ele alcançou na busca de apoios para a expedição com que retomaria a coroa de D. Maria II usurpada por D. Miguel. Graças ao empenho de estudiosos do Brasil, já circulava na Europa um considerável volume de informações sobre o país. Ao caráter liberal que d. Pedro dera ao modelo político brasileiro que lhe garantiria o apoio dos liberais franceses, juntavam-se aspectos míticos de sua trajetória e do país onde vivera. A familiaridade com que d. Pedro tratava a todos, nobres e plebeus, também seria um fator importante para a conquista de adesões à causa de d. Maria.

Palavras-chave: Dom Pedro I; Paris; imprensa.

Abstract: The image of d. Pedro I in the French press during the period he lived in Paris (August 1831 to January 1832) was essential to the success he has achieved in seeking support for the expedition to retake the crown with D. D. Maria II usurped by Miguel. Thanks to the efforts of scholars from Brazil, a considerable amount of information about the country has already circulated in Europe. To the liberal character who d. Pedro gave the Brazilian political model that would guarantee the support of the French Liberals, joined mythical aspects of his career and the country where he lived. The familiarity with d. Pedro attended all, nobles and commoners would also be an important factor for achieving membership to the cause of d. Maria.

Keywords: D. Pedro I; Paris; press.

* Doutora em Ciência Política e Pesquisadora Titular em História da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. A pesquisa que resultou neste artigo foi desenvolvida no âmbito da Chaire Sergio Buarque de Holanda, Maison des Sciences de l'Homme, Paris, durante o primeiro semestre de 2012. Este trabalho também está vinculado ao Projeto "A circulação transatlântica dos impressos" coordenado por Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0079705BNW4D7G>

Notícias do Brasil

A notícia da abdicação de d. Pedro I ao trono do Brasil em 1831 causou certo impacto na França. O ex-imperador e sua mulher, D. Amélia, desembarcaram às quatro da tarde do dia 10 de junho de 1831, no porto de Cherbourg, na Normandia. Alguns dias depois, a informação aparecia nos principais jornais franceses: *Le Moniteur*, *Le Temps*, *Le National*, *Le Constitutionnel*, *La Gazette de France*, etc¹. Apesar da queda de d. Pedro I ter se dado em um contexto em que as monarquias européias estavam sofrendo um abalo sísmico quase tão fatal como o que fora provocado pela Revolução Francesa, agravado pela sedimentação dos valores, idéias e ideais difundidos desde o século XVIII², o tom das notícias publicadas era o da incredulidade diante de um fato considerado inédito, fantástico e inesperado.

Em Cherbourg, D. Pedro recebeu todas as honras devidas a um monarca no poder. Os marinheiros ingleses da fragata *Volage*, que o trouxera, vestindo seus uniformes de gala, deram-lhe nove vivas, ao tempo em que a fragata e todas as fortalezas de terra o saudaram com uma salva de 21 tiros de canhão. Nos discursos de boas-vindas, ele foi saudado como um defensor da liberdade, um doador de constituições. Cinco mil homens da Guarda Nacional perfilaram-se para que ele os inspecionasse. A prefeitura da cidade ofereceu-lhe um palácio para que ele e sua corte pudessem se instalar. D. Pedro faria de Cherbourg sua primeira base na Europa, convidando seus fiéis amigos, Antônio Teles da Silva, o Marques de Resende, e Francisco Gomes, o famoso *Chalaça*, para com ele ali se reunirem.

O Brasil era muito longe mas já havia se difundindo na Europa um considerável volume de informações sobre o país. Isto se devia, em grande parte, aos relatos de tantos cientistas, diplomatas, comerciantes e viajantes estrangeiros que, desde 1808, com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro foram autorizados a visitar o país. Graças à publicação de seus relatos, o Brasil e sua realidade tinham se tornado razoavelmente conhecidos. Sabia-se do domínio da cultura e dos hábitos dos portugueses sobre os de nativos e africanos escravizados. Sabia-se que a maior parte de sua elite era composta de comerciantes e de fazendeiros incultos,

mas que parte dela se educara na Europa e estava atualizada sobre os avanços culturais, econômicos e políticos do Ocidente. Era, portanto, fato conhecido que, no Brasil, a elite seguia as tradições européias e a cultura do povo era mestiça tal como sua composição étnica.

Responsáveis, em parte, por essa divulgação do Brasil na França foram Ferdinand Denis (1798-1890) e Eugene Garay de Monglave (1796-1873). O primeiro, que viveu no Brasil entre 1816 e 1821, publicou em 1822, junto com Hippolyte Taunay “Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume”, obra em seis volumes depois condensada em “Résumé de l’Histoire du Brésil, suivi du Résumé de l’Histoire de la Guyane” (Paris: Lecointe & Durey, 1825). Na *Revue de deux mondes*,³ publicou vários estudos sobre o Brasil. Eugène Garay de Monglave também viveu no Brasil durante o reinado de D. Pedro I, de quem se tornou amigo, traduzindo a correspondência dele com o pai, D. João VI. Era uma personalidade conhecida nos meios cultos europeus e, em 1833, foi um dos fundadores do Institut Historique de Paris, do qual foi secretário perpétuo. Monglave traduziu *Marília* de Dirceu, (1825), de Tomás Antônio Gonzaga e o poema épico *Caramuru*, (1829), de Frei Santa Rita Durão. Tanto Denis quanto Monglave dariam seu apoio a D. Pedro e à causa de d. Maria II.

A imprensa parisiense contribuiria para tornar a realidade brasileira mais conhecida do público francês pela freqüente publicação de resenhas de livros de viajantes europeus sobre o Brasil. Em 15 de abril de 1830, a *Gazette litteraire*⁴, número 20, publicaria um trecho da obra do Reverendo Walsh⁵, *Notices of brasil in 1828 e 1829*, que acabara de ser lançada em Londres. O capítulo escolhido foi o intitulado “État de la presse periodique dans le Brésil” que informa com detalhes e perfeita fidelidade a situação da imprensa brasileira, sua diversidade e vitalidade. Um dos livros resenhados pela *Gazette* em seu numero 30, de 24 de junho de 1830, foi *Le Rio de Janeiro tel qu’il est: 1824-1826*, do alemão Schlichthorst, um relato colorido, vivo e bastante minucioso da vida na capital do Brasil. A obra mais importante e que recebeu uma longa resenha naquele jornal foi *Voyage au Brésil*, de Spix e Martius, contemplada no número 41, em 16 de setembro de 1830.

Em 1831, ano da chegada de d. Pedro na França, a *Revue de deux mondes* (tomo primeiro, janeiro/março, PP. 149/181) publicou longo artigo de Ferdinand Denis resumindo o conteúdo da

obra de Auguste de Saint-Hilaire: *Voyages dans l'Intérieur du Brésil*. Segundo Camargo, além de se debruçar sobre a obra de Saint-Hilaire, Denis produziu ali um balanço historiográfico em que se “evidencia a progressão geral do discurso europeu/francês sobre o Brasil até 1830”. Ao realçar em seu artigo o impacto que a chegada da Corte Portuguesa teve para a transformação da realidade brasileira, Denis contribuiu para desviar o foco do homem-índio, direcionando-o para as formas que a civilização ocidental adquirira no Novo Mundo (CAMARGO).

Neste sentido foi igualmente importante, tanto para a divulgação da realidade do país quanto para a imagem de d. Pedro, o artigo publicado pelo próprio Saint-Hilaire sobre as últimas revoluções no Brasil (*Tableau des dernières révolutions du Brésil*) na mesma revista e no mesmo ano (*Revue de Deux Mondes*, quarto volume, outubro de 1831). Ali Saint-Hilaire narra a história recente do Brasil, a partir da chegada de d. João VI, e traça um retrato muito favorável do ex-imperador. Também foi muito útil, naquele contexto em que os olhares estariam voltados para o que se passava no Brasil, a publicação de um memorial em francês sobre o que fora seu reinado e sobre as causas da Abdicação⁶. Em 32 páginas, o texto, muito bem escrito e de grande clareza, demonstra de forma honesta o que foi o impasse que se criou entre d. Pedro e a elite brasileira.

L'Empereur Du Brésil, Don Pedro Ier, vient de débarquer sur nos cotes, apportant lui-même La nouvelle de La révolution qui l'a privé du trône. La renommé libérale de ce jeune prince justifie l'intérêt qui s'attache à sa fortune, et doit préparer un accueil favorable à cette Notice dont le sujet fait tout le prix.

Familiaridade bem brasileira

As primeiras matérias publicada por jornalistas franceses sobre a chegada de D. Pedro à França dedicam um bom espaço a descrever sua aparência e a de D. Amélia. Apesar da modéstia das vestimentas e da simplicidade de seus modos, tanto o aspecto físico do imperador quanto a da imperatriz deixaram uma boa impressão. D. Pedro foi descrito pelo *Journal des débats*,

(24.06.1830) como um “fort bel homme” com a cor um pouco brasileira (*le teint un peu brésilien*). A conservadora *La Mode*⁷, usa quase a mesma expressão para dizer que ele é “un fort beau Prince”, mas diz também que sua fisionomia seria um pouco menos regular do que a de seu irmão, D. Miguel.

A reportagem mais longa sobre a chegada de d. Pedro na França foi publicada pela *Revue de Paris*⁸ que, em matéria de três páginas, detalha o acontecimento. O repórter diz de sua surpresa ao chegar à cidade portuária de Cherbourg e tomar conhecimento do desembarque de d. Pedro.

No curso de uma viagem de prazer fui a Cherbourg. Imagine minha surpresa ao encontrar, chegados na véspera do Brasil, como despojos de uma Revolução, o primeiro monarca que a América envia ao exílio na nossa velha Europa.

Após explicar as circunstâncias da chegada do navio de d. Pedro, o narrador descreve os elementos da Corte que acompanhavam o casal: “dois camareiros, alguns oficiais da guarda, e quatro negros de *libré* com galões com as cores do Brasil”. Diz que as roupas dos recém-chegados, - “leurs modes européennes taillées à Rio-Janeiro” - se destacavam por seu ar estrangeiro e que a imperatriz usava uma capa de seda amarela, um pouco desbotada pelo sol e amarrotada pela viagem. Mesmo assim, o casal tinha um ar de serenidade e de “bienveillance”. O imperador parecia um homem honesto que, cansado da realeza, “se aposentava com a integridade de seus direitos e de sua honra”, diante do “temporal dessa mesma liberdade que ele fundou sob o céu tropical em um país ainda dominado por semibárbaros costumes”.

O narrador descreve a recepção oferecida por d. Pedro nos salões do palácio que lhe fora cedido pela prefeitura. “A reunião era simples, as homenagens eram oferecidas sem constrangimento e recebidas com cordialidade”. Diz que os convidados se sentaram em círculo, que a própria Imperatriz sentou-se ao piano para tocar e conclui: “Voilà ce qui succédait au gala d’une cour du midi, au baise-main de Rio-Janeiro”. O texto destaca ainda a forma como d. Pedro recebeu seu velho amigo, o marques de Rezende: abraçando-o com familiaridade. Simplicidade e familiaridade serão as marcas da cortesia das pessoas da família imperial: “Elles parlent familièrement à toutes les personnes”, diz o *Journal des débats*, (edição do dia 15 de junho de 1831). Familiaridade por vezes excessiva para os padrões franceses. Na mesma edição, conta-se

que d. Pedro estabelecera tal intimidade com um dos pilotos da marinha francesa que encontrara no porto que chegara a lhe confidenciar que a imperatriz estava grávida.

A aparição de d. Pedro em Paris, no final de julho de 1831, portanto, fora antecedida de muitas notícias sobre sua pessoa e de especulações sobre o seu destino. A circulação do ex-imperador por algumas cidades francesas, a viagem à Inglaterra, as negociações que lá fez, etc., tudo foi noticiado. Assim, quando finalmente D. Pedro chegou a Paris na noite do dia 26 de julho para participar dos festejos pelo primeiro aniversário da Revolução de Julho, já havia um considerável volume de informações sobre ele e muito interesse por parte do público leitor de jornais.

A Abdicação coincidira com uma nova onda liberal que marcara a ascensão de Luís Filipe ao trono da França. No Brasil, essa onda estimulara os liberais a se livrarem do imperador que subira ao trono sob a bandeira liberal mas reinara com poderes de autocrata. Já para a Europa, d. Pedro era o campeão do constitucionalismo, o príncipe americano que construíra um império liberal, uma monarquia estável num país de dimensões continentais na selvagem e primitiva América do Sul. A imagem de d. Pedro como político moderno, constitucionalista também se engrandecia quando contrastada com a do irmão, que promovia em Portugal um reinado baseado no atraso, na superstição e na violência. O tratamento prestigioso que lhe deram Luis Felipe e seus ministros durante aquelas comemorações, foi ressaltado pela imprensa francesa⁹. Para Luis Felipe, um monarca que tinha sido alçado ao trono há apenas um ano e graças ao apoio dos republicanos liderados por Lafayette, era importante associar sua imagem à de um príncipe de estilo tão democrático e que, por vir de um país exótico, despertava tanto interesse.

Segundo o *Fígaro*, durante o desfile do dia 27, à sua passagem, o povo saudava d. Pedro gritando: “viva o imperador”. À essa acolhida calorosa, ele teria respondido com aquela familiaridade que, nas ruas do Rio de Janeiro, usava para com seus súditos. Ao final do desfile, segundo o *Jornal de Débats*, D. Pedro em vez de entrar diretamente no Palais Royal, desceu do cavalo e se misturou com o povo. Um ajudante-de-ordens tentou protegê-lo do entusiasmo da multidão, mas ele não deixou. A revista *La Mode*, (1831, jul/set, 5^a edição, PP 113/114) em tom de crítica disse que d. Pedro ficara retido pelos curiosos com os quais o “grande monarca passou

mais de vinte minutos em uma conversação muito familiar”. Alguns lhe perguntavam qual era sua idade, como se comportava d. Maria. Outro o interrogava sobre seus projetos relativos à conquista de Portugal. Alguém lhe perguntava se fazia mais calor no Brasil que no Palácio Real e, finalmente, se ele trouxera muito dinheiro. A tudo isto d. Pedro teria respondido da maneira mais satisfatória (*la plus satisfaisante*). Avesa ao espírito republicano e quase democrático adotado nos primeiros anos da Monarquia de Julho, *La Mode* ironiza as tentativas dos Orleans, a nova família real, de se fazerem populares adotando atitude igualitárias nas suas relações com o povo da rua.

Uma cena interessante, descrita pela revista, denota bem esse esforço da nova realeza. Segundo *La mode*, (1831, jul/set, 5ª edição, PP 113/114) depois da solenidade de 27 de julho no Panteon, o rei Luis Felipe teria sido visto, na rue de Vaugirard, aceitando um copo de água de coco de um homem do povo vestido em camisa (*un homme du peuple en chemise*), que ele bebeu com muito prazer. O filho do rei, o duque de Orléans, teria feito melhor (*il y a mis moins de recherche*): pegou a garrafa e bebeu diretamente da mesma. Essa cena, segundo a mesma revista, teria espantado até mesmo a D. Pedro, apesar de seu título de ex-soberano popular (*malgré son titre d'ex-souverain populaire*). Naturalmente, é impossível hoje saber se o fato de fato aconteceu, se aconteceu assim mesmo ou se é pura invenção de *La Mode*, sempre disposta a ridicularizar o ramo da família real que tinha acendido ao trono com a deposição de Carlos X.

Também no ambiente mais reservado da Corte, segundo Denyse Dalbian, o estilo informal de d. Pedro deixou os aristocratas que o viram pela primeira vez desconcertados. D. Pedro chegou a Paris no dia 26 de julho e compareceu como convidado de honra a um jantar promovido pelo rei dos franceses no Palais Royal. Aos que o viram nessa estréia, ele pareceu francamente embaraçado, mesmo sendo tratado com toda a cordialidade pelo rei e a pela rainha. Foi especialmente tímido com as damas, mas ao ser apresentado ao marquês de Lafayette demonstrou entusiasmo juvenil, chamando-o de “herói dos dois mundos”. Conta uma testemunha que de seus lábios jorravam palavras de reverência, louvor e homenagem e que ele teria expressado seus sentimentos a Lafayette com “um ar de familiaridade, como se o conhecesse de longa data” (DALBIAN, p. 164).

Para a maior parte dos viajantes que o viram no Rio de Janeiro, a excessiva informalidade de D. Pedro no trato com todas as pessoas, das mais nobres às mais simples, causava surpresa. Cochrane, que o acompanhou em uma visita de inspeção aos navios da esquadra brasileira em 1823, conta que, quando o imperador desembarcou, pessoas do povo “de todas as idades e cores” se apinharam em torno dele para beijar-lhe a mão. D. Pedro a estendia paternalmente a um e outro com o “melhor humor possível e com a maior afabilidade, não se perturbando a sua serenidade nem ainda com familiaridades tais como nunca vira praticar antes para com rei ou imperador” (COCHRANE, 2003, p. 42). O reverendo Walsh costumava observá-lo à saída da capela da Glória, aonde o imperador ia todos os sábados às nove da manhã rezar. Ele saía da igreja misturado com a gente do povo que gracejava e ria, não dando “a menor demonstração de repulsa ao *profanus vulgus*, mas sim de desejar confraternizar-se com eles”. Quando d. Pedro era abordado por qualquer pessoa do povo, “entabulava familiarmente uma conversa”. Certa vez, conta ainda o reverendo,

(...) um sujeito esquisito e pouco cerimonioso, pertencente à classe baixa, contou-lhe uma anedota com o desembaraço e a familiaridade com que falaria com um conhecido qualquer, e, no final, o imperador riu gostosamente da história, sendo acompanhado por todos à sua volta, como se não se sentissem nem um pouco constrangidos por sua presença. (WALSH, 1985, p. 202)

A familiaridade é uma forma de atitude social em que, no primeiro encontro entre dois estranhos, há uma quebra nas etapas nos ritos tradicionais de aproximação que são característicos dos costumes das pessoas cultas no Ocidente. Para dar um exemplo, os franceses só passam a chamar alguém pela segunda pessoa do singular, “tu”, depois de pedirem licença para fazê-lo. Antes disto, entre as pessoas educadas que acabam de se conhecer, usa-se sempre o “vós”, segunda pessoa do plural. Adotar, de imediato, uma atitude familiar para com alguém a quem se foi apresentado, visa vencer possíveis resistências do outro. A familiaridade estabelece uma proximidade confortável, uma sensação de igualdade. Quando o interlocutor é alguém que ocupa na sociedade posição hierárquica superior, quem é tratado assim relaxa e se sente bem acolhido. É interessante observar que as atitudes de familiaridade de d. Pedro para com os súditos e pessoas

próximas não se confundiam nunca com a anulação da sua autoridade. Mesmo seus amigos mais chegados, tratados por ele com demonstrações do maior carinho, como o Chalaça e Antonio Telles, nunca deixaram de chamá-lo “de meu amo”. Antonio Teles, assim que o viu em Cherbourg, se ajoelhou aos seus pés, foi erguido pelo imperador e abraçado.

Apesar de d. Pedro ter declarado que seu objetivo era viver na Europa como um simples particular, esse particular era o pai de uma rainha destronada que nunca deixou de se empenhar para repô-la no trono. E esta seria a grande missão que levaria a cabo em Paris fazendo uso de recursos políticos bem modernos. Após dez anos de reinado no Rio de Janeiro, conhecendo relativamente bem a língua francesa e sabendo, por experiência, da importância que a imprensa e a propaganda tinham na atividade política, o ex-imperador usará de todos esses recursos em sua bem sucedida campanha. Um desses recursos seria essa cordialidade tão luso-brasileira¹⁰, a familiaridade que ele estabelecia com qualquer pessoa ao primeiro contato e que lhe possibilitava uma comunicação direta e imediata com o interlocutor, facilitando também a obtenção de apoios.

Exotismo mitigado

Ao narrar a impressão causada pela presença d. Pedro ao lado de Luis Felipe no desfile de 27 de julho, o jornal humorístico *Fígaro*, em sua edição de 30 de julho, o descreve como “um rei do rio da prata (*de la rivièrre d’argent*), um rei quase mitológico, tanto por vir de um reino distante, quanto por ter súditos negros, mulatos, bronzeados; quase um rei Baltazar”. Essa imagem de príncipe mitológico seria retomada, pouco mais de um mês depois, quando da volta de d. Pedro a Paris. Ele se estabeleceu com a família no castelo de Meudon no final de agosto de 1831 e, na primeira vez em que foi visto na platéia do Opera, causou enorme sensação. *Fígaro*, *Journal de Débats*, *La mode* e outras publicações deram a notícia como quem registra um grande acontecimento. Seu sucesso se deveu também ao fato de que aquela primeira aparição de d. Pedro no Opéra coincidiu com a presença na platéia de outra personalidade também vinda de um país exótico: Hussein, o Dey d’Alger, o Regente da Argélia que perdera o posto depois que o país fora invadido pela França¹¹. É ainda o *Fígaro* (21 de agosto de 1831), na matéria intitulada “D. Pedro

e Hussein-Dey na Opera” quem pinta com cores mais vivas a cena inédita:

Anteontem à noite, o Opera era um conto vivo das “Mil e uma noites”, se as “Mil e uma noites” têm alguma coisa que se compare a essa soirée. (...) o natural e o impossível, o pequeno e o grande, o melancólico e o alegre, o bufão e o monárquico, a história e o romance, a África e a América, reaproximadas, à distância de alguns camarotes: se acenando, se enviando palavras lisonjeiras.

A comparação inevitável do imperador do Brasil com o dey d’Alger seria seguidas vezes formulada pela imprensa mundana francesa. Depois de sua queda (1830), o Dey pedira abrigo aos vencedores sendo acolhido entre 1830 e 1831, antes de se estabelecer na Itália. Dentro do espírito de conciliação que marcaria a política externa da França de Luis Felipe, o Dey foi tratado como um hóspede do governo¹². Recebido pelas mais importantes autoridades, freqüentando os espaços mais elegantes, o Dey seria objeto da maior curiosidade em um contexto em que o Orientalismo estimulava a imaginação européia¹³. Suas aparições públicas são registradas sempre, com destaque para o aspecto físico, às roupas e acessórios seus e de seus acompanhantes. Pequeno, gordo e de barba cinza, os jornais dizem que ele masca (*Il machônne*) o tempo todo, tem o olhar lúbrico, esfrega os pés em público, que sua roupa é dourada, feita com tecidos de fazer inveja às mulheres mais elegantes, que suas pantalonas são amplas (*Il nage dans ses pantalons*) e suas pantufas moles e macias.

As exigências que o Dey fez para o jantar oferecido em sua homenagem pelo Presidente do Conselho, Casimir Perrier, foram assunto da maior parte dos jornais. *La quotidienne*, órgão máximo da imprensa legitimista, em sua edição de 29 de agosto de 1831, no 241, reproduz informações publicadas antes no rival *Le Temps*, (*qui paraît avoir des intelligences jusque dans les cuisines de M. Casimir Périer*). Segundo aquele relato, reproduzido em vários jornais, o cozinheiro do Dey teria sido enviado na tarde do mesmo dia do jantar para preparar a refeição de seu senhor. Esta consistira em dois frangos que foram mergulhados vivos na água fervente, cozidos e servidos, mais tarde, acompanhados de arroz exclusivamente ao Dey. Durante o jantar, ao qual comparecera acompanhado de um criado, vestido à oriental, levando um rico punhal na

cintura e com os olhos cobertos por óculos verdes, o Dey ignorara a farta e sofisticada mesa de Casimir Perier, comendo apenas o que lhe fora preparado pelo cozinheiro.

Il en a fait ensuite une espèce de pilon, mêlé de quelques grains de riz, et voilà tout le dîner du magnifique Hussein-Dey, Emir aimé du Prophète favori d'Allah, et (jadis) Altissime Souverain Premier Esclave de sa Hautesse le Padichah, Père des Croyans, des les deux Mauritanies Césarienne et Tingitane. (La Mode, 1831, jul/set, pp. 233/234)

O episódio foi depois comparado pela mesma revista *La Mode* a situação que teria sido protagonizada por D. Maria, a pequena rainha de Portugal. Conta a revista que, em visita ao Marques de Lafayette, teria se repetido, no que concerne à refeição de d. Maria, a mesma situação do jantar oferecido por Casimir Perier ao Dey. O artigo tinha como alvo fazer a mais demolidora crítica às vestimentas exageradamente vistosas que d. Pedro encomendara para fazer com que a filha fosse apresentada em grande estilo aos liberais franceses em reunião promovida por Lafayette. O excesso de peso de d. Maria era objeto de comentários e, é certamente mais uma ironia da revista atribuir ao fato de que d. Pedro incumbira um negro de sua corte de preparar-lhe a refeição, o desejo que ele tinha de que “sa fille ne se relâchât en rien de son régime habituel”.

Ce repas brésilien consistait dans un potage impromptu qu'on avait fait avec une branche de thym et une poignée de poivre ; ensuite des écorces de melon frites à l'huile, et finalement deux citrons brouillis avec du piment. On en a conclu que le régime habituel des infantes du Brésil n'était pas moins surprenant que leur costume de cérémonie. (La Mode, out/dez, 1831, p. 20)

Ao longo do segundo semestre de 1831, o Dey dividiu as atenções da imprensa com D. Pedro. No entanto, se este também figurava nas matérias políticas dos jornais mais sérios relativas aos negócios de Portugal, o noticiário sobre o Dey era sempre pautado pelo estranhamento e pela chacota. Governante, cuja deposição representava o encerramento da carreira, o Dey era apenas objeto da curiosidade da imprensa e do povo de Paris, e mesmo seus esforços para se adequar aos costumes locais eram ridicularizados. Quando adotou o cartão de visitas a informação foi assim revelada pelos jornais: “Le dey se plie tout-à-fait à nos usages. Il a,

par exemple, adopté les cartes de visites, et les siennes portent: M. Hussein, ex-déy d'Alger”.

Aparentemente, durante o verdadeiro massacre que o Dey de Alger sofreu por parte da imprensa francesa, foi a *Revue de Paris* a única publicação que procurou entrevistá-lo. Em longa matéria, onde diz que a intenção é realmente jornalística, isto é, ouvir o personagem que vinha sendo objeto de tanto interesse e de tanta crítica por parte da imprensa, os detalhes da intimidade do Dey, bem como de seus assistentes são descritos. Uma das questões que o jornalista apresentou ao Dey foi se ele se sentira incomodado com o excessivo interesse que a platéia do Opera tinha demonstrado com relação a ele, instigando-o a falar da coincidência de ali também se encontrar d. Pedro.

Il me répondit que non, et qu'il lui avait paru très-naturel. « Les Français sont curieux ! ajouta-t-il. – Oui, ils aiment à voir, à comparer, à apprendre. Un costume étranger, des habitudes nouvelles nous frappent par leurs différences avec les nôtres ». Je dois avouer que le jour où vous vous trouviez à l'Opéra, en même temps que don Pédro et l'impératrice du Brésil, votre costume ne fut peut-être pas la seule chose qu'on aimait à remarquer en vous. – “Je comprend très bien ce qu'on cherchait à voir dans la personne de don Pédro et dans la mienne. C'est tout simple. Le hasard de la rencontre dut paraître singulier”.

De fato, como o demonstram as matérias citadas, o interesse da imprensa pelo acontecimento inédito tinha a ver com a circunstância casual de se encontrarem, um diante do outro, dois soberanos estrangeiros depositos e vindos de continentes tidos como bárbaros. Mas ali, ao contrário do que sugere o *Fígaro*, já se colocava a diferença entre o caráter perfeitamente ocidental de d. Pedro e o orientalismo que impregnava toda a imagem do Dey. Depois de sua chegada à Europa, d. Pedro, sempre cioso de sua aparência, rapidamente se informara sobre os endereços onde os elegantes se vestiam e se penteavam, apresentando-se sempre o mais de acordo com os padrões parisienses de elegância (DALBIAN, p. 194) .

Todo um hemisfério, todo um oceano preenchido entre dois atos, vinte e cinco milhões de habitantes turcos e americanos representados por um velho que esfregava os pés e por um homem jovem de colete de pique branco, gravata preta, acompanhado por uma bela imperatriz a

ler o programa dos espetáculos. (*Fígaro*, 28 de agosto de 1831)

Sob o título “Quelques détails sur Hussein-Pacha – La Muette”, uma carta apócrifa atribuída ao Dey foi publicada no *Fígaro*, de 04 de setembro de 1831. Ali o Dey se dirige aos parisienses queixando-se da mania que eles têm de fazer com que todo o estrangeiro que chega à cidade “se não usar as mesmas vestimentas” dos ocidentais, seja colocado no mesmo nível de “um rei dos iroquis que vos enviaram de não sei qual feira gascã”. Diz ainda que mesmo d. Pedro, apesar de usar um fraque e de ser irmão de d. Miguel “que vocês detestam”, teria merecido por parte dos parisienses a mesma consideração que eles dedicariam a um trapezista italiano ou a um engolidor de espadas indiano se, por sorte, não tivesse se casado com a bela e charmosa filha de Eugène Beauharnais¹⁴.

Na imprensa liberal francesa, ao longo do segundo semestre de 1831, enquanto o caráter bárbaro, selvagem, estranho do Dey foi sendo cada vez mais acentuado, a imagem de d. Pedro que ia sendo construída era a do excelente músico (*Fígaro*, 28.08.1831), do príncipe que era também um poeta (*Le Constitutionnel*, 08.09.1831) e do pai de família de hábitos burgueses, que passeava com a família pelos parques da cidade, ia ao teatro e assistia às sessões do Parlamento. Assim, sua presença na corte francesa logo se naturaliza e ele passa a ser alguém conhecido e estimado, apesar dos esforços da imprensa conservadora e simpática a d. Miguel no sentido de diminuí-lo.

O exotismo de d. Pedro era produto das circunstâncias que tinham levado a família real portuguesa a viver no Brasil. O exotismo do Dey era inerente à sua origem, à história e à cultura de seu povo. O tom bronzeado de sua pele não era como o da pele de d. Pedro, resultada da vida sob o sol dos trópicos e sim elemento de sua origem étnica. Ao contrário do Dey, D. Pedro não é confundido com os povos sobre os quais reinou. Se seu aspecto fora do trono e de situações públicas corriqueiras parecera a um jornalista banal (*Fígaro*, 28.08.1831), o mesmo podia-se dizer de outros príncipes europeus, como tantos que naquele mesmo momento vagavam aportavam em Paris por conta de revoluções. O fato é que d. Pedro era um europeu, membro de uma das dinastias mais antigas da Europa e, por força de seu estilo e de suas opções políticas,

estava em perfeita sintonia com o espírito da Monarquia de Julho.

Exemplo da diferença de tratamento dado ao Dey e a D. Pedro esteve também no mundo dos espetáculos. O ex-governante da Argélia foi tema de uma comédia apresentada no Théâtre du Gymnase. Tratava-se apenas da adaptação de *Le Pacha de Surêne*, que se aproveitava, para atrair público, do interesse que o exótico personagem, então vivendo em Paris, despertara. O vaudeville de Etienne et Nanteuil estreou no Théâtre du Gymnase, no final de setembro, com o título “Le Dey d’Alger à Paris”. Sobre o espetáculo assim falou o *Fígaro* (01.10.1831), com o mesmo tom humorístico de quase todas as suas matérias daquela fase:

Pauvre Hussein ! quelle destinée que la tienne ! simple soldat de la milice turque, puis officier, puis dey, puis bourgeois de Paris avec un million de revenu. Pauvre Hussein ! Tour-à-tour sujet de la Sublime-Porte, maître absolu d’une régence, et habitué de l’Opéra, il ne te manquait plus que de donner ton nom à nos pièces de théâtres.

Dois meses depois estreava no mesmo teatro, *Le luthier de libonne*, de Scribber e Bayard, cujo alvo não era d. Pedro e sim seu irmão, d. Miguel. Diz a revista *La Mode* que, naquele espetáculo, “le roi de Portugal est travesti de la manière la plus dégoûtante et la plus infame”, e sugere que talvez os donos do teatro estivessem cortejando d. Pedro para obter-lhe o patrocínio. Apesar de não remeter diretamente a d. Miguel, então visto com muito maus olhos pelos liberais franceses, o ator que fazia o vilão da peça, Bouffé, era fisicamente parecido com o irmão de d; Pedro. A provocação também não passou despercebida ao *Fígaro*, que na página de crítica teatral publicou artigo dizendo que o Teatro Ginásio tinha declarado guerra da D. Miguel.

Le Gymnase vient de déclarer la guerre à don Miguel. La pièce du « Luthier de Lisbonne » peut servir d’avant-garde à l’expédition de don Pedro. (...) Le petit tyran du Portugal, n’avait pas encore été mis à la scène. Cette burlesque caricature du despotisme méritait d’y être traduite. Tous les vertiges qui passent dans le cerveau de ce monomane couronné devaient fournir des situations à la fois dramatique et singulières. Joignez à cela la bonne fortune de rencontrer, pour remplir un pareil personnage, un acteur comme Bouffé, dont le talent offre

autant d'originalité et de variété, que Miguel peut en mettre dans se capricieuses et stupides cruautés. Physique, jeu de physionomie, tout dans Bouffé a contribué à rendre l'illusion complète, et à rappeler aux Parisiens l'aimable prince qu'ils ont pu voir, ainsi que nous, il y a quelques années, spécialement au Cirque-Olympique. (Figaro, 8 de dezembro de 1831, n 341)

D. Miguel caíra em desgraça junto à opinião pública parisiense a partir dos episódios que culminaram com tomada do porto de Lisboa pela esquadra do Almirante Roussin¹⁵. As informações sobre a violência do regime eram trazidas pelos exilados e divulgadas pela imprensa liberal, então em momento de grande integração na Europa. Algumas situações descritas com minúcias pelos jornais como o espancamento de M. Bonhomme – francês que fora acusado de profanar igrejas católicas em Portugal – pelas ruas de Lisboa e o fuzilamento de todo um batalhão de soldados que tinha se rebelado contra o rei, além da situação degradante em que eram mantidos os presos, garantiram para d. Miguel os mesmos ápodos com que os legitimistas brindavam Napoleão: o monstro, o Calígula, o Nero da Bemposta foram alguns dos nomes que se lhe deram.

Enquanto isto, ao longo dos meses que se seguiram à sua sensacional aparição no Opera, D. Pedro fora se tornando um velho conhecido dos parisienses. Sua presença constante ao lado do rei, ao qual visitava quase todos os dias, era a primeira notícia das colunas dos jornais que dedicavam espaço para o dia-a-dia do soberano. Ele era visto por toda a parte, passeando com a família pelas Tulheries, nos teatros, no parlamento assistindo as sessões, nos bailes, etc. Aos poucos, apenas a legitimista *La Mode* o associaria ao Brasil e às ultrapassadas imagens de selvageria, com o intuito de desprestigiá-lo e diminuí-lo diante dos europeus. O exotismo deixara de ser elemento importante na sua representação para fazer com que outro aspecto que marcara sua estréia na Europa fosse realçado: seu Liberalismo. Manuseado com habilidade, esta opção política, então novamente na moda, fazia contraste com o Absolutismo de d. Miguel. Neste sentido artigo publicado em *o Figaro* que critica a tentativa dos jornais conservadores de colar em d. Pedro a marca de Caim, mostra como a imagem que d. Pedro construía em Paris estava em perfeita sintonia com o espírito da Monarquia de Julho¹⁶.

Cain et Abel.

Un journal légitimiste dit : « Don Pedro arme contre le Brésil. Cain, que vas-tu faire de ton frère ? »

Don Pedro est Cain, Miguel est Abel.

Cain est un scélérat et un monstre, grand amateur et compositeur de musique, imposant à ses sujets, lorsqu'il avait des sujets, ses cantates et ses marches militaires.

Abel au contraire, offre en holocauste au Seigneur ce qu'il a de plus précieux (Bible). Comme Jacob, il a immolé en sacrifice son père, sa mère et les premiers de son peuple.

Cain, réprouvé par Dieu, a quitté son empire et a résigné à couronner son fils, monarque au maillot, autocrate de cinq ans.

Abel, comprenant que le bonheur de ses sujets dépend de sa domination, que la prospérité du Portugal est attachée à son règne, force ses sujets à être heureux malgré eux, et fait pendre et fusiller les mécontents pour leur conserver un bon roi, comme Ugolin qui mangea ses enfants pour leur conserver un père ; il les condamne au bonheur par arrêt, à la félicité par ordonnance.

Caïn, chassé par son peuple, a eu l'infamie de s'en aller, et de venir audacieusement suivre le Roi des Français dans ses voyages et aux revues de la garde nationale, avec le sang-froid du criminel endurci.

Abel fait exécuter ses sujets en masse pour faire régner la tranquillité et l'ordre dans ses états. Il efface de la terre les impies, les athées, les déistes, les républicains, et ceux qui, par une cause quelconque, l'ont induit en péché en le poussant à la colère ou au blasphème.

Caïn ne tuera pas Abel, car ses vaisseaux sont arrêtés, et l'argent est rare par les temps qui court.

Si Caïn tombe entre les mains d'Abel, Abel le tuera ; car Abel ne respecte rien. Et d'ailleurs les moines gras de Lisbonne sont pour lui. (Figaro, 12 de novembro de 1831, no. 315)

Conclusão

Diz Octavio Tarquínio que d. Pedro havia afirmado a um de seus amigos que ia para a Europa para se tornar famoso. De sua experiência anterior, desde a campanha da Independência,

tanto no que dizia respeito à imprensa brasileira, quanto a estrangeira, restara a convicção de que ela era fundamental para seus propósitos. Assim, sua estratégia seria conquistar a simpatia da Europa e com ela o apoio indispensável para a causa de d. Maria. Para tanto d. Pedro se valeria da imprensa francesa e da publicação de outros impressos que patrocinaria; das relações de parentesco com a família real e com a família Bonaparte e, também, de um estilo pessoal, no qual a facilidade da comunicação, propiciada pela familiaridade, seria essencial. Seu estilo de vida familiar também estava em perfeita sintonia com o da família real francesa. Era um estilo de vida perfeitamente adequado ao espírito burguês que predominava na sociedade do tempo em que a família passara a ter uma centralidade maior.

Uma serie de circunstancias favoráveis se colocariam em seu caminho. A principal delas fora a reviravolta que a política mundial sofrera a partir da revolução de Julho de 1830 na França. A queda de Carlos X representou não só um golpe nos restauradores como também o começo da derrocada do projeto de 1815 para todo o continente. Em 1831, Luis Felipe, o rei cidadão se empenhava ainda em agradar os liberais, dos quais o mais emblemático era o Marques de Lafayette, que se tornaria amigo de d. Pedro. A nova onda liberal tomava conta da Europa, onde muitas insurreições se inspiraram no movimento francês para eclodir. Até mesmo a Inglaterra elegera um parlamento liberal. A França vivia também um *revival* de sentimentos napoleônicos. Thiers fizera o elogio do Imperador dos franceses, lembrando o quanto este tinha contribuído para o engrandecimento da nação. Entre a gente do povo, lembranças bonapartistas tornaram-se itens disputadíssimos (v. PINKNEY, p.). De modo que ser casado com a filha de Eugênio de Beauharnais, o filho de Josefina que Napoleão perfilhara, era algo que ainda mais valorizava o ex-imperador na França.

O hábil manejo de todos esses elementos ajudou d. Pedro vencer a guerra contra o irmão em Portugal. Partir de Paris para guiar sua expedição de reconquista da coroa da filha foi um golpe de mestre. Confiante na sua boa presença e na capacidade que tinha de convencer e seduzir ele se estreitou laços familiares com o rei, tornando pessoal e íntima uma relação anteriormente formal, e com os liberais, que o viram como fator fundamental para abater o Absolutismo que reinava ainda em Portugal e na Espanha. A imprensa liberal foi sua grande aliada, publicando matérias

favoráveis à sua pessoa e à causa que ele representava, e dando ampla divulgação aos atos repressivos violentos que seu irmão vinha promovendo em Portugal. O exótico foi um elemento a mais na composição de seu personagem. As lendas sobre as inesgotáveis minas de ouro e pedras preciosas do Brasil, as notícias sobre a beleza de suas paisagens e a simpatia de seu povo contribuíam para dar um tom todo especial ao personagem, destacando-o do lugar comum das realidades européias. Mas foi sua capacidade de estabelecer uma comunicação imediata com as pessoas, rompendo códigos estabelecidos e adotando uma atitude de familiaridade para com nobres e pobres, que lhe garantiu o triunfo em Paris.

Referências Bibliográficas

- BARTELEMY, G. “Sur l’Orientalisme dans la littérature”, disponível em: <http://dictionnairedesorientalistes.ehess.fr/document.php?id=34> Consultado em 19/12/2012
- BELLANGER, C.; GODECHOT, J.; GUIRAL, P.; TERROU, F. **Histoire General de La presse française, Tome II: de 1815 à 1871**. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.
- CAMARGO, K. A. F. “Uma leitura do Brasil: Fernand Denis”, disponível em: http://scholar.google.com.br/scholar?q=%22ferdinand+denis%22++camargo&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0. Consultado em 19/12/2012
- CHURCH, C. H. **Europe in 1830**. Londres: George Allen & Unwin, 1983.
- COCHRANE, J.D. **Narrativa dos serviços no libertar-se o Brasil da dominação portuguesa**. Brasília: Senado Federal, 2003.
- DALBIAN, D. **Dom Pedro – Empereur Du Brésil Roi de Portugal, 1798-1834**. Paris: Librairie Plon, 1959.
- DA MATTA, R. **Carnavais malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DÉMIER, F. **La France de La Restauration (1814-1830)**. Paris: Gallimard, 2012.
- KALIFA, D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M.E.; VAILLANT, A. **La civilization Du Journal: histoire culturelle et litteraire de La presse francaise au XIXe siècle**, Paris: Nouveau Monde, 2011.

LEDRE, C. **La presse a l'assaut de La Monarchie (1815-1848)**, Paris, Armand Colin, 1960.

MARGADANT, J. B. Les représentations de La reine Marie-Amelie dans une monarchie 'bourgeoise'. **Revue d'histoire du XIXe siècle**, no. 36, 2008/1, pp 93-117.

MOLLIER, J.Y., REID, M. et YON, J. C (org). **Repenser la Restauration**. Paris : Nouveau Monde Editions, 2005.

PINKNEY, D. H. **The French Revolution of 1830**. New Jersey: Princeton University Press, 1972.

SOUSA, O. T. **A vida de D. Pedro I**. Tomo III. Col. História dos Fundadores do Império, vol. IV. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.

VIGIER, P. **La Monarchie de Juillet**. Col. Que sais-je? 4^a Ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1972.

_____. **Paris Pendent la Monarchie de Juillet (1830-1848)**. Paris : Difusion Hachette, 1991.

WALSH, R. **Noticias do Brasil**, 2 v., trad. Regina Regis Junqueira, Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

Notas

¹ Para a história da imprensa francesa v. BELLANGER et alli, 1969; LEDRE, 1960; KALIFA et alli, 2011.

² Para uma visão geral do contexto político europeu v. CHURCH, 1983. Para a Revolução de 1830 na França, v. PINKNEY, 1972; VIGIER, 1972 e 1991; MOLLIER & alli, 2005 e DEMIER, 2012.

³ Segundo Camargo, a *Revue des Deux Mondes*, surgiu em 1829, mas só alcançou sucesso em 1830, quando, para atrair novos leitores fundiu-se com o *Journal des Voyages*. (CAMARGO, .)

⁴ A *Gazette littéraire, revue française et étrangère de la littérature, des sciences, de beaux-arts, etc.* foi fundada em 1º de dezembro de 1829 e durou até agosto de 1831. Era publicada todas as quintas-feiras e seus editores foram, inicialmente, Paulin e Gauja. Conforme registrado em aviso no numero 41, Gauja abandonou a sociedade deixando a publicação ao cuidados de Paulin. Na bibliografia consultada não constam maiores informações sobre essa revista e seus editores.

⁵ Roberto Walsh foi o capelão da embaixada inglesa durante a ultima missão de lord Strangford junto à Corte do Rio de Janeiro. Viajou pelo interior do Brasil e deixou importante relato sobre os costumes brasileiros. (v. WALSH, 1985)

⁶ Encontrei na Biblioteca Nacional François Miterrand essa publicação datada de 1831 intitulada "Notice sur Don Pedro Ier., Empereur Constitutionnel du Brésil", assinada por "M. G... avocat", e publicada pela Imprimerie Le Normant Fils, Rue de Seine, no. 8. Não sei se se trata da mesma mencionada por Octavio Tarquínio que teria sido redigido ainda a bordo por d. Pedro e Plasson e que foi enviado ao Chalaça para ser traduzido e impresso o quanto antes pois, disse d. Pedro na carta que encaminhou o texto "muito me convém que na Europa se saiba o que realmente se passou no Rio, a fim de que a minha honra salva lá (como é público) não padeça cá ser por acaso os

periódicos assalariados por meu infame e traidor irmão puder por algum tempo ofuscar a minha glória”. (SOUSA, p. 147).

7 *La Mode, revue du monde élégant*, foi uma revista com ilustrações de vestimentas femininas e masculinas em cores, lançada por Émile de Girardin, em 1829, sob o patrocínio da Duquesa de Berry (KALIFA, p 218). Depois da Revolução de 1830, *La mode* seria uma das mais ativas publicações legitimistas fazendo, em meio às colunas mundanas constantes críticas a Luis Felipe e ao seu reinado. Geralmente vazadas em tom humorísticos essas críticas também atingiriam d. Pedro, em notas e em artigos de fundo. Na matéria aqui citada a revista inclui sempre, após o seu nome, a extensa identificação de “imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil”.

8 *A Revue de Paris: journal critique politique et littéraire* foi uma revista literária bimensal criada por Louis Verón em 1829, tal como sua *Revue de deux mondes*. O artigo sobre o desembarque de D. Pedro em Cherbourg foi publicado em 1831, tomo 27, pp. 183/186.

9 Essa recepção prestigiosa a d. Pedro ficou registrada na imprensa até mesmo com uma nota de perplexidade. Descrevendo a cerimônia que teve lugar no Panteon, o *Journal de Débats*, diz : « Au centre de la coupole s'élevait l'étrange royale. On y avait préparé deux fauteuils et deux pliants. Beaucoup de personnes ignoraient à qui était destiné le second fauteuil. Bientôt on a su, par des personnes arrivant de la Bastille, que d. Pedro assistait aux cérémonies du jour à côté du Roi, et on a eu le mot de l'énigme. »

Ou seja, Luis Felipe (ou seu cerimonial) considerou que, entre os convidados, apenas D. Pedro tinha status equivalente ao dele.

10 O estabelecimento do conceito de “familiaridade” tal como apresentado acima é uma obra em progresso no âmbito dos estudos que venho desenvolvendo sobre D. Pedro I. Ela não se confunde necessariamente com a idéia de “homem cordial” tal como construída por Sergio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil” e sobre a qual existe vastíssima bibliografia. A familiaridade, tal como descrevi acima, implica na quebra dos modelos de comportamento estabelecidos pela sociedade aristocrática tal como os descreve Tocqueville (apud DA MATTA, 1979 p. 145). Tal como a cordialidade, a familiaridade é um produto cultural da tradição ibérica trazida pelos portugueses. No entanto, quando adotada como atitude social por uma personalidade única, o ex-imperador do Brasil, ela produz o efeito que se assemelha “Você sabe com quem está falando?” de Da Matta (idem, cap. IV). Afinal, sendo indiscutivelmente a figura hierárquica mais importante nas cenas de rua descritas, d. Pedro se dava ao luxo de ser familiar com o povo que não tinha dúvidas sobre com quem estava falando. Já no ambiente da intimidade palaciana de Louis Philippe a inicial timidez e o subsequente deslumbramento diante de Lafayette, manifestações espontâneas do imperador, espantaram pois não se adequavam aos códigos daquele grupo.

¹¹ Dey era o título que se dava ao Regente da Argélia, então ainda pertencente à Turquia. A Argélia era dividida em quatro partes cada uma das quais governadas por um Bey que deviam obediência ao Dey. Em 5 de julho de 1830, Hussein Pachá, o Dey da Argélia, assinou tratado de submissão com a França depois de uma série de episódios que tiveram início em 1827. Hussein Pacha foi o último Dey da Argélia, tendo pedido exílio à França onde residiu até o final de 1831. O governo da Revolução de Julho não aceitou seu pedido para fixar-se na França e ele acabou exilando-se na Itália por três anos. Morreu em Alexandria no Egito em 1838 com a idade de 63 anos. Sobre as questões relativas a invasão da Argélia v. PINKNEY, pp 14-15.

12 A política interna e externa de Luis Felipe seria orientada pelo ideal do “juste milieu”, princípio que ele estabeleceu em documento enviado à cidade de Gaillac no final de janeiro de 1831 onde diz que em seu reinado procuraria se ater a uma política do justo meio, afastada tanto dos excessos do poder popular quanto dos abusos do poder real”. No que diz respeito à política externa essa atitude seria equivalente à neutralidade em que a França procurará se manter com relação aos problemas internos de seus vizinhos, à cordialidade com as grandes potências e à busca de uma colaboração estreita com a Inglaterra. A recepção generosa ao Dey e a outros governantes depostos que procuravam abrigo na França faria parte também desse espírito de boa vontade e de respeito aos adversários. Tal política seria assim resumido de forma irônica por *La quotidienne*, em 28.08.1831 “nous étions cramponnés à notre système de paix à tout prix, et que nous n'avions rien à refuser à personne pour éviter la guerre et les démêlés”

¹³ O fascínio que a figura do Dey de Alger exercia sobre os parisienses estava dentro do espírito da onda orientalista que inspirava pintores, poetas e escritores naquele contexto. Tanto Chateaubriand quanto Victor Hugo e Lamartine se renderam ao orientalismo contemplando-o em suas obras. Na pintura Delacroix, Decamps, Vernet, entre outros

também se inspiraram no oriente. O gosto pelas modas asiáticas também fez com que muitos contemporâneos se fizessem retratar em trajes orientais. Sobre o Orientalismo ver o artigo de Guy Barthelemy, assim como outras referencias em: <http://dictionnairesorientalistes.ehess.fr/document.php?id=34>

¹⁴ D. Amélia de Leuchtemberg, segunda imperatriz do Brasil, era filha do Príncipe Eugène Beauharnais. Esta circunstancia que fazia dela quase uma neta de Napoleão Bonaparte seria também motivo de prestígio para d. Pedro em Paris.

¹⁵ Em 8 de julho de 1831 o Almirante Albin Roussin, obedecendo a ordens de seu governo forçou a entrada no Tejo e exigiu do governo de D. Miguel reparação a ofensas feitas a cidadãos franceses. Diante da resistência das fortalezas, em 11 de julho travou-se o combate que foi vencido pelos franceses. D. Miguel teve que ceder às exigências que implicaram e viu os navios de guerra e de comercio que estavam no porto serem seqüestrados pela esquadra de Roussin como parte do pagamento das despesas pela operação naval.

¹⁶ Sobre o estilo de vida burguês de Luis Felipe e sua família, v. MARGADANT, 2008.

Recebido em novembro/2012.

Aprovado em dezembro/2012.